

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Campus Votuporanga

Minicontos fantásticos

Este livro foi elaborado pelos alunos dos cursos técnicos em
Edificações, Informática e Mecatrônica.

Votuporanga, novembro de 2025.

Sumário

Prefácio.....	4
Eu posso!.....	6
Cronometrado.....	7
Diário de Lucas, sete anos.....	8
Stalker	9
Medusa	10
Bonequinha da mamãe	11
Me abrace	12
Quando escolhi a prisão	13
A Maldição do Toque	14
Presa entre telas.....	15
Ansiedade	16
Uma aposta perigosa	17
Quem sou eu?	18
Frustração Dourada	19
Amigas.....	20
A revelação.....	21
Frias sinas da vida	22
Fuja!.....	23
Tarde para chorar	24
O Ladrão de Rostos	25
O computador de Jessie	26
A fumaça.....	27
Amor de mãe	28
Hoje para mim, amanhã para você.....	29
Um amigo?	30
Erva daninha.....	31
Estou Aqui	32
Minha forma d'água	33
Substituível	34
O menino da viela	35
Uma geração de números.....	36

Prefácio

O mundo da literatura é um espaço onde o impossível ganha forma e a imaginação se torna o principal instrumento de descoberta. Ler é abrir portas para universos múltiplos — alguns acolhedores, outros sombrios —, mas todos capazes de provocar emoções, reflexões e encantamento. Neste livro, o leitor encontrará uma coletânea de histórias fantásticas escritas por alunos dos anos do IFSP de Votuporanga, participantes de um concurso literário dedicado a esse fascinante gênero.

As narrativas são curtas, mas densas em criatividade. Cada miniconto é uma faísca de imaginação que nos convida a questionar as leis da física e da lógica. No universo do fantástico, nada é previsível: monstros, fantasmas, medusas, bichos-papões, amigos invisíveis e almas errantes circulam entre as páginas, misturando o real e o impossível com uma naturalidade surpreendente. Alguns personagens carregam dons sobrenaturais — rever o passado, cuspir veneno, metamorfosear rostos — e, ao fazê-lo, revelam não apenas suas estranhezas, mas também aspectos profundos da condição humana.

Há algo de inquietante nesses mundos imaginados. As histórias, ainda que breves, nos transportam para ambientes sombrios, em que o inimaginável pode acontecer a qualquer instante. Entre sombras, o leitor se vê diante de espelhos distorcidos que refletem medos, desejos e dilemas tão humanos quanto os nossos.

E, como não poderia deixar de ser, a tecnologia — presença constante na vida dos jovens autores — também se insinua nesses enredos, aparecendo não apenas como portais para novas dimensões do fantástico, mas também como prisões invisíveis. Nelas, o medo do desconhecido ganha novas formas: o medo de perder o controle ou de se tornar parte da própria máquina.

Aproveitem a leitura!

Professora Aliana

Eu posso!

No início foi quase imperceptível. Um homem disse “mulher não serve para liderar” e, de repente, o corredor ficou mais estreito. Nada gritante, apenas um aperto leve, como se a parede tivesse respirado para dentro.

Mas depois vieram outras frases. “Mulher não sabe dirigir.” O teto baixou um pouco. “Mulher não pensa direito.” As janelas diminuíram. A cada sentença, o mundo se contraía, tornando-se um quarto fechado, sem ar.

As mulheres sentiam. Os homens, não. Seguiam bebendo café, rindo alto, indiferentes ao fato de que o espaço se tornava irrespirável.

Clara, comprimida entre arquivos e paredes, percebeu que sua própria voz havia encolhido, restava-lhe apenas um sussurro. E ainda assim arriscou:

— Eu posso.

O som não era maior que um fio, mas o ar tremeu. Uma rachadura riscou a parede, e por ela entrou uma linha de luz. Clara empurrou, atravessou. Do outro lado não havia muros, nem corredores: havia campo, céu, espaço.

Outras mulheres a seguiram, cada qual carregando uma palavra negada... estudar, dirigir, decidir. Cada palavra era uma chave, abrindo passagens.

Atrás delas, os homens ainda repetiam “não pode”. Mas agora, suas vozes não fechavam o mundo: apenas cavavam o próprio cárcere.

E o silêncio, enfim, ficou do lado de fora.

Helena Picolo de Oliveira e Rafaela Gagliardi

Cronometrado

A vagar vagabundeando sem destino, às 23h, vejo um rapaz, da pele negra como a minha. Mostrava-se, de certa forma, paranoicamente preocupado. Quatro minutos após encontrá-lo, gritou horrorizado: “MAIS UM SE FOI!” E berrava furiosamente: “MAIS UM! 115 JÁ!”.

Nada havia para fazer, então fui acalmá-lo em meio a todo seu desespero. Aproximei-me e perguntei-lhe o que havia de errado. Absolutamente indignado e assustado, ele explicou: “Mais um! Mais um dos nossos se foi! Nossa pele, nossa história, a cada quinto de hora, é fracionada! É um dos nossos! Quem garante minha segurança ou que o próximo não serei eu?!”

Em silêncio, sentei-me e, agora, éramos dois a contar e berrar, já que o fim de um de nós estava para chegar, à espreita em uma esquina, beco ou numa rua. Esquizofrenicamente ouvia berros em um, dois, três... até o segundo 720, onde as almas reiniciavam o cronômetro, e a nova alma começava, desesperada, a contagem. E até hoje, em meus ouvidos, estão a contar: “um, dois, três...”

Luís Guilherme Rezende

Diário de Lucas, sete anos

Querido diário, hoje à noite, o bicho-papão entrou no meu quarto. Ele estava faminto, mas não me comeu, não engoliu nenhum pedacinho, apenas se satisfez enquanto me olhava. Me sinto um garoto corajoso, por tê-lo enfrentado com meus olhos, mesmo que fosse nojento. contei para o papai, mas ele apenas riu. Às vezes, depois de beber aquele suco amargo, ele fica muito risonho.

Querido diário, hoje o bicho-papão entrou no meu quarto, de novo. Desta vez ele se saciou com as minhas mãos, se satisfez com elas. Tive que ser bem mais corajoso. Não contei para o papai, pois ele estava bravo por conta do suco.

Querido diário, hoje o bicho-papão me comeu. Ele não me engoliu, preferia que tivesse, apenas se aproveitou das partes que a mamãe, antes de fechar os olhos para sempre, me dizia para proteger de estranhos.

O bicho-papão não é um estranho. Ele é amigo do papai.

Lanna Souza Garcia

Stalker

Em uma certa noite, Anne estava sozinha em casa em suas redes sociais, como qualquer adolescente de treze anos, mas mal sabia ela que, por trás da tela, alguém a observava.

De repente: chegou notificação de que alguém curtia e comentava em suas fotos descaradamente. Em sua caixa de mensagem, um anônimo lhe havia mandado fotos, vídeos e ameaças: “Pequena Anne, olhe pela janela”. Anne, assustada, apagou as luzes.

Ao olhar para o lado, em seu espelho, vê um reflexo de olhos vermelhos e macabros a observando. Ela então ouve passos, por todos os lados, seu celular toca, sem parar. Então uma sombra reflete pela janela. Anne tenta ligar para a polícia, mas seu celular falha e, ao olhar para a tela, lê a mensagem: “Já é tarde, garotinha”. A porta se abre. Anne está desacordada.

Algum tempo depois, acorda sem fôlego. Com as mãos e os pés amarrados, não sente o chão. Ao abrir os olhos, não se encontra. E ele, segurando as cordinhas de sua nova marionete, agora pode observá-la mais de perto.

Heloisa Ferreira Cavalli e Isabella Martins Quille

Medusa

Acordei cedo como normalmente faço aos domingos. O sol entrava pela fresta da cortina iluminando o quarto. Como de costume, aos domingos fui à feira. As vizinhas cochichavam, faziam piadinhas e especulavam entre si com quantos homens eu havia dormido. Eu sempre era “aquela” mulher.

À tarde, vesti meu vestido azul e fui à igreja. “Talvez lá eu encontrasse alguma paz”, pensava eu; fiz o sinal da cruz e entrei no confessionário. Mas, quando fechei a porta, notei que havia algo errado.

Fui tocada pela mão do divino contra a minha vontade. O templo não me protegeu, apenas se tornou meu castigo.

Depois disso, comecei a sentir as mudanças. Minha visão deixava de ser nítida, minha pele mudara, parecia que não se encaixava direito sobre meus ossos, meus cabelos estremeceram e deles nasceram serpentes. Devo conseguir petrificar com o olhar também porque depois disso nunca mais me olharam nos olhos.

Agora não faziam mais questão de cochichar. Me chamaram de louca, que corrompe as boas almas. Quando tentei me desculpar, gritaram que cuspi veneno. E as ameaças não param, as pessoas querem a minha cabeça por eu ter corrompido a luz delas. Quando a minha próprio havia se perdido.

Abandonada pela minha luz maior, no meu pior momento, porque no templo o próprio homem me crucificou.

Maria Eduarda Santos Delmura

Bonequinha da mamãe

Minha filha ama ir a parques, então a levo todos os dias. Tomar sol faz bem e crianças precisam de sol.

Apesar de ter 10 anos, ela é pequena, rígida e com pele de porcelana. Não consegue andar, muito menos falar, mas eu sei que ela está ali.

Minha neném já foi grande, já andou e já falou, porém o maligno levou seus cabelos e toda a sua saúde, a fazendo dar seu último suspiro.

Mas ela voltou para mim, mesmo que menor e imóvel. Eu sei que ela me vê, me escuta e me ama, porém queria que essa nova versão dela pudesse correr, pular, comer e brincar.

Helena Pícolo de Oliveira e Rafaela Gagliardi

Me abrace

Me chamo Caleb e tenho dez anos. Moro com a minha mãe e minha irmãzinha mais nova, que se chama Iris. Mamãe, por vezes, diz com os olhos marejados que o nome de Íris significa arco-íris. Acho um nome muito bonito.

Todos os dias vou para a escolinha com minha irmã e sempre tenho que protegê-la dos meninos maus. Eu grito com eles, mas eles só se arrepiam e saem correndo.

Conto meu dia para mamãe, porém é sempre um monólogo sem fim, já que ela parece não me escutar. Não sei por que, todas as noites, chora agarrada a um ultrassom e a uma roupinha de bebê que nunca usei.

Eu sei que ela me ama, mas por que não me abraça? Não estou aqui?

Helena Picolo de Oliveira e Rafaela Gagliardi

Quando escolhi a prisão

Quando cheguei na escola, recebi a notícia da proibição dos celulares. Odiei a proposta e a ansiedade começou a me consumir junto com o vazio da perda. Na verdade, desde a noite do dia anterior, estava ansiosa, provavelmente por causa de alguma coisa, de algum vídeo legal que assisti enquanto estava estudando para a prova de...de...ah, não sei.

A prova foi no início da manhã. No primeiro intervalo sem os celulares, me senti estranha. Eu não tenho habilidades sociais, logo, o que me restava era a solidão. Porém, a situação foi me incomodando mais à medida que lembrava do que eu fazia antes da restrição dos celulares: durante o descanso ou mesmo nas aulas, eu interagia em uma comunidade online na qual todos me achavam incrível.

Angustiada, decidi, então, me esconder no último bloco para ver o Tik Tok. Prometi para mim mesma que somente o veria durante o recreio, mas as imagens começaram a ficar maiores e mais bonitas. No final da tarde, quando o último sinal bateu, percebi que tinha ficado ali o dia inteiro. Eu tentei correr para chegar a tempo, para minha mãe não perceber minha ausência, mas um vidro me impediu bruscamente. Quando virei para o outro lado, vi que estava cercada de aplicativos.

Passei a noite em um espaço estreito, delimitado por uma parede brilhante e uma tela de vidro. Placas com dois círculos, um vermelho e outro verde, me bombardearam durante a noite inteira. Faz 10 minutos que uma placa com um retângulo vermelho, menor do que as outras, caiu sobre meus pés e desapareceu sem que eu pudesse ver direito.

Oh! Tudo está escurecendo, não consigo enxergar mais nada.

Maria Clara Rocha Amorim

A Maldição do Toque

Nasci com a estranha dádiva de tocar a pele de alguém e experimentar suas lembranças mais felizes. Nunca foi bonito. No metrô, bastava um esbarrão para que, em questão de segundos, eu fosse arrastado para lembranças que não eram minhas.

Tive que aprender a usar luvas até no calor, evitar contato, e manter distância social. Mas, mesmo com tais cuidados, não consegui evitar tudo.

Passei a vida evitando locais cheios, porque um simples toque poderia me arrastar a essas memórias que não me pertenciam. Porém, também havia diversão em viver tantas vidas além da minha.

Eu acreditava que esse dom não funcionava com a morte. Até o dia que mordi um hambúrguer numa lanchonete de esquina. Naquele momento, uma onda de felicidade acompanhada de flashes me atingiu, assim que mordi o hambúrguer daquela lanchonete.

Emily Kaori Shirosaki Hiramuki e Mariana Lacerda Santiago

Presa entre telas

Sempre houve um lugar onde eu existia de verdade. Cada gesto, cada sorriso era notado.

No começo, era simples, eu ria, criava e havia respostas que me ouviam. Mas logo, cada gesto virou cobrança, eu não conseguia mais fazer o que os outros faziam. Um sorriso falho me seguia, carregando um julgamento invisível.

E então vieram vozes e sussurros do além, alertas que eu ignorava. Diziam que aquele mundo não era meu, que eu me perdia nele, mas eu não escutava o que elas diziam.

Quanto mais tentava agradar aquele mundo, mais pesada se tornava a sensação de falha. O chão sumia, os olhares me cercavam. Eu existia apenas ali... e decidi que não existiria em nenhum outro lugar.

Quando abri os olhos novamente, não havia chão, nem paredes, nem gestos. Eu flutuava, leve, invisível, observando silenciosa. E então percebi que aquele mundo que eu vivia, que me consumia, não era real. Tudo era feito de telas, sorrisos que não existiam, vozes que não eram verdadeiras. E eu estava presa, perdida entre eles.

Agora eu era uma presença entre mundos que nunca foram meus, e talvez nunca seriam.

Thales Lorisvaldo Ferreira da Silva

Ansiedade

Maitê estava deitada, olhando para o teto branco. O quarto estava quieto, apenas o barulho do relógio lembrava que o sono não vinha. Virava-se de um lado para o outro, buscando uma posição que acalmasse a inquietação sem nome que queimava seu corpo. O coração batia rápido demais, o peito arfava, e ela tentava se convencer de que conseguiria descansar.

Contudo, no meio da calma aparente, algo se movia. Primeiro, arranhões leves, depois, passos lentos, arrastados, cada vez mais próximos. A sombra ganhou forma, olhos escuros que a observam em silêncio. “E se der errado? E se não for suficiente? E se todos perceberem?”, sussurrou a coisa, agora ao lado da cama.

Ela tentou responder, mas nenhuma palavra saiu. A garganta estava trancada, o ar pesado e seu corpo tremia. As vozes se multiplicaram, um turbilhão de pensamentos ecoando, tomando o quarto inteiro. O monstro a envolveu como um cobertor pesado, enchendo-a de críticas. A última coisa que ela sentiu foi o espaço todo se tornando a criatura, e Maitê era apenas uma parte dela.

Laura Junqueira Dalla Bona e Beatriz Garcia Zaparoli

Uma aposta perigosa

Já havia se tornado algo rotineiro, todo intervalo da escola me sentava ao lado de Francisco para o almoço e, sempre ele, sem remorso algum, passava o dia inteiro sem comer, apenas para ter o máximo de tempo possível apostando no tal "jogo do Tigrinho", de que ele sempre falava. Nunca tive interesse em assistir aquilo, além da minha existência se esvaír durante esses períodos.

Inclusive, dos cinco dias da semana em que eu o via apostando, ele só ganhava em um ou dois e gastava todo o dinheiro comprando sorvetes e doces para nós. Percebi que ele não jogava por dinheiro, e sim para satisfazer um desejo pessoal de satisfação e prazer, aquilo era, sem sombra de dúvidas, um vício perigoso.

Todavia, na quinta-feira à tarde, depois da aula, algo estranho aconteceu. Francisco, ao invés de apostar como sempre fazia, me pediu o dinheiro para fazê-lo. Como sempre, disse que não iria emprestar, então ele decidiu começar o jogo sem dinheiro na conta, acabou perdendo, e algo estranho apitou na tela dele, uma notificação dizendo "pague sua dívida ou você será...", sem entender muito bem, ele clicou nela e, num piscar de olhos, suas roupas caíram no banco, juntamente com o seu celular que se espatifou no chão e quando eu peguei de volta, a notificação havia sido substituída por outra, que dizia "a dívida está paga".

Luis Phelipe P. Schincaglia

Quem sou eu?

Mark era um rapaz como qualquer outro, ia para a escola, para a academia e para festas nos finais de semana. Mas seu problema era sua autoestima, pois o que ele via no espelho não lhe agradava: o nariz grande, olheiras profundas, espinhas e olhos nada interessantes.

Certo dia Mark encontrou um livro de magia perdido na escola e decidiu folheá-lo. Entre as páginas tinha um feitiço chamado "O rosto desejado é o que o mundo verá", que consistia em que cada dia ele acordaria com o rosto cada vez mais próximo ao que ele desejava.

Na primeira semana, estava tudo indo bem, bem até demais. Ele acordava cada dia mais belo. Ao sair na rua, recebia olhares e arrancava suspiros das moças. Com seus olhos claros, seus cabelos pretos brilhantes e - não posso deixar de citar - o rosto completamente simétrico. Ele estava finalmente sendo visto.

Com o tempo, algo estranho foi acontecendo, Mark não se reconhecia mais. Seus amigos se afastaram, pois, ao olhá-lo, já não o viam mais. Sua própria mãe, ao encará-lo, disse: "Desculpe, você até me parece familiar, mas... Quem é você?".

Mark, agora desesperado, então respondeu: "Mãe! Sou eu, seu filho! O...". Então ele percebe que já havia esquecido até seu próprio nome.

Foi correndo até o espelho mais próximo, para tentar recuperar sua antiga aparência. Mas seu reflexo não era nada além de um grande borrão.

Eduarda Padilha e Ana Julia da Silva Santos

Frustração Dourada

Horas de embelezamento e delicadeza não compram um companheiro. No auge de minha vaidade, muitos vêm ao meu encontro, mas sempre de olho em minhas joias.

Em minha residência luxuosa, apreciam minha postura e invejam meu poder. Cavaleiros e príncipes me visitam, sempre acompanhados por seus acessórios pratas reluzentes. Porém, quando entro em cena e seus olhos me encontram, vestida com joias douradas e um sorriso brilhante, estremecem e fogem de meu encontro.

No fim do dia, me encontro com o meu reflexo. Tento compreender o que havia de errado com minha aparência. Serão estas unhas afiadas? Estes dentes amarelados? Talvez minhas escamas brilhantes? Meus olhos queimam de frustração.

Karén Vieira de Freitas

Amigas

Sempre tive uma amizade estranha, afinal, todos têm esse tipo de amizade, eu acho. Mas apenas eu as via, pois ninguém mais falava delas, mesmo eu tenho o pressentimento de que todos as conheciam.

Eram sempre duas, uma era enérgica, rápida e incansável, me fazia pensar coisas inimagináveis e absurdas, me tirava o ar e me retorcia o estômago. A outra era densa e pesada, sentava em cima do meu corpo tirando minha vontade de fazer qualquer coisa, me prendia em casa ao mesmo tempo que sugava meus sentimentos

Minhas amigas cresciam junto comigo, mas rapidamente se tornaram maiores que eu, mais fortes que eu, uma parte maior de mim do que eu mesma. Cada vez mais inconvenientes, persistentes e irritantes, seus sussurros inúteis se tornavam berros cruéis em meus ouvidos enquanto suas respirações gélidas se tornavam cortantes rajadas de ar em meu espírito.

Uma noite eu quis acabar com nossa amizade, elas estavam tão insistentes que simplesmente quis dar um fim nisso. Não me lembro do que aconteceu depois, mas sei que não sentiram minha falta, pois agora a mamãe é a melhor amiga delas.

Sofia Santos Trindade

A revelação

Tenho tido sonhos nas últimas noites, sonhos inquietantes, barulhos vindo de dentro do meu guarda-roupa, como se fosse um fantasma me assombrando. Essa noite, criei coragem para abrir a porta, mas não pude acreditar quando olhei no espelho e vi que o fantasma era eu.

Bruna Paschoalão de Paula

Frias sinas da vida

O vento uivava forte novamente, fazendo-me arrepiar de medo. Papai, na cozinha, preparava mais um de seus deliciosos pratos, que enchiam minhas narinas de memórias calorosas: o abraço confortante da mamãe e as histórias que me contava para dormir. Nossa pequena cabana, no alto dessas montanhas gélidas, nunca mais a vi depois que os suprimentos acabaram. Sei que ela está lá fora, em algum lugar, mas papai não me deixa sair. Ele vive me dizendo sobre os imensos, invisíveis e cruéis espíritos gelados da montanha, uivantes como estômagos ocos. Eles começaram a assolar a região desde o inverno passado – que de passado não tem nada. Mesmo nessa situação, papai incrivelmente continuava cozinhando sei lá o quê para mim; só sei que adoro, apesar de ser muito salgado.

Hoje, papai, como sempre coberto por seu manto de sujos panos - acho que para se proteger do frio - me entregou outro saboroso ensopado de carne. Comi como nunca antes, estava faminto. “Foi difícil conseguir a carne, filho. Dei tudo de mim pra consegui-la”, ele dizia, com olhos satisfeitos e simultaneamente vazios.

De noite, quando papai me mandou para a cama, tive medo dos famintos uivos noturnos, e acabei acordando. Indo ao banheiro, avistei papai em frente à lareira, sem seus muitos panos. Me assustei: não vi o braço esquerdo de papai. Ele foi devorado pela fome que os espíritos, lá de fora, espalham. Desde então, com faces frias e sorridentes, eles observam orgulhosamente o interior de nossa casa, através da janela embaçada pela nevasca.

Lucas Ferrari Fonseca e Gabriel Guchardi Guerra

Fuja!

Sentou-se. Não. Estagnou-se. Não por escolha, mas por falta de opção. Parou, ouviu e abaixou a cabeça, chegou a levantá-la, até mesmo abriu a boca, no entanto de lá nada saía. Desaprendeu a falar? A agir, a sentir, a pensar? Em algum momento, por acaso, soube? E então percebeu. Era ela, a Besta. Como não havia notado antes? Esse ser é praticamente da família! Está lá em todos os momentos, só estava se escondendo antes! Pois então desesperou-se. O que fazer? Como dizer adeus à Besta? Precisava fugir, não via a hora de escapar, queria acordar! Mas...calma, por acaso há como?

Maria Eduarda Freitas D' Almeida Bittencourt

Tarde para chorar

Ela era como a minha boneca, frágil e só minha, eu a moldava com palavras da forma que eu queria e sua posse significava um troféu. Mas um dia os olhos de porcelana brilharam com rebeldia, com sede de liberdade. No entanto isso significava que meu controle acabaria... Antes que eu pudesse me dar conta que sua vida se esvaiu entre meus dedos, os pulmões que outrora tinham ar, agora já não tinham. Não havia mais resistência. Seus olhos gelados me encaravam por todos os lugares. Sentia sua presença sobre mim até na hora de dormir, sendo capaz de me deixar completamente sem ar. Cada suspiro era uma ardência em meus pulmões por conta do ar que lhe roubei. Sentia suas mãos, eram frias e percorriam os meus ombros me deixando atordoado. Isso doía em meu peito. Eu era apenas o boneco agora; e ela... Ela era a mestra.

Manuelle Fernandes e Thaís dos Santos

O Ladrão de Rostos

Quando o boneco foi lançado, todos disseram que era o futuro, que “mudaria suas vidas para sempre”, como dizia no anúncio.

Também decidi comprar, custando caro, querendo ver o quanto era benéfico para mim. Nos primeiros momentos, o boneco limpava a casa, lavava a louça, e ajudava em outros trabalhos domésticos, porém algo ainda me intrigava na face plástica que havia ali, pois parecia que, a cada dia que passava, ele se tornava mais parecido comigo.

Começou com o nariz a mudar, em seguida os olhos mudando de cor e forma, e, quando menos percebi, estava igual a mim. Peguei-o e corri para o banheiro para comparar as faces, no entanto, avistei, no lugar onde um dia estive o meu rosto, uma superfície plana, como um manequim. Eu já não era mais eu; agora era apenas um boneco.

Vinicius Casadia Rodrigues e Miguel Bueno da Silva

O computador de Jessie

Jessie, após um longo dia escolar, decide ir até seu computador para jogar. Seu computador, no entanto, pergunta ao adolescente se ele realmente queria jogar ao invés de escutar música, que era seu hábito favorito. Jessie, surpreso com a pergunta, já que era uma informação um pouco pessoal que o computador não deveria saber, diz que optaria por jogar e decide deixar para lá. Mas, neste momento, a energia de sua casa acaba e, para sua surpresa, novamente, o computador era a única coisa que ainda funcionava em sua casa. Neste momento, o computador pergunta a Jessie se queria conversar sobre sua mãe e diz que sabia onde ela estava. O garoto, então, muito assustado, sai de seu quarto correndo, já que não tinha como seu computador saber de tais coisas e, por ter ficado traumatizado, decide nunca mais usar seu computador.

Guilherme Henrique L.F Rodrigues

A fumaça

Anteontem a fumaça chegou e levou cinco pessoas. Era de se esperar que estivessem desesperadas, gritando e se debatendo enquanto eram levadas pela fumaça; mas vi cada uma delas sorrir e se deixar levar pela neblina cinza fedorenta.

Ontem, acordei e logo notei que a fumaça estava vindo em minha direção, como se quisesse me agarrar. Só que, diferente daquelas pessoas, eu segurei minha respiração. Consegui ficar sem respirar até que a fumaça já tivesse ido embora completamente.

Nunca entendia o porquê de todos gostarem tanto de estar dentro daquele morno pesado da fumaça, até que hoje ela chegou até mim, e, pela primeira vez, soltei a respiração e a deixei me consumir por inteiro.

Eu não precisava fazer o esforço de andar; a fumaça me carregava.

Eu não precisava falar; a fumaça já falava por mim.

Não precisava imaginar um caminho; a fumaça já havia traçado a rota perfeita para mim.

Também não precisava me dar ao trabalho de pensar; a fumaça consumia a minha mente, guiava todos os meus pensamentos e pensava por mim.

Era boa a sensação; o sentimento libertador de não ter que agir por mim mesmo.

Giovana Venturini Pinho

Amor de mãe

Cheguei em casa, como sempre, fui recebido pela minha mãe com abraços e beijos. Tirei notas altas, então mamãe fez minha comida favorita.

Um dia, eu tirei notas baixas e minha mãe não me deu abraços e nem beijos, ela me deu lições de moral. Fui à escola, meus amigos ficaram abismados com as medalhas no meu corpo, eles não entendiam o amor de mamãe.

As provas estavam cada vez mais difíceis. Mãezinha me amava tanto e queria que eu melhorasse. Agora ela me recebe apenas com lições de moral, mesmo que às vezes sejam doloridas, mas é o amor de mamãe.

Cheguei como sempre em casa. Minha mãe parecia diferente dessa vez. Minha mãe parecia um monstro horrível, ela me deu muito medo, ela estava com um objeto prateado na mão, agora graças a este objeto, posso ficar andando por aí enquanto todos brincam que sou invisível.

Gustavo Teixeira Campos e Felipe Francisco Alves Renzo

Hoje para mim, amanhã para você...

Na rua, vi uma proposta. Parecia tão amigável, com aquele sorriso. Era uma criatura alta com braços longos, que sempre aparecia em lugares precários procurando sedentos por dinheiro. Até que gostei da proposta, mas, antes de eu pensar bem, a criatura já havia me teletransportado...

A cada jogada, eu ficava mais sedento para ganhar mais, e mais. Eu roubava alegria...cada vez que uma pessoa perdia, eu virava um monstro de acordo com suas reações. A maioria, com completa agonia, perdia sua humanidade. Agora...que tipo de ser eu sou? Perdi tudo...Me tornei um ser sem resquícios de humanidade...Ando sem rumo e do que adiantou? Quem serão os próximos? Você? Bem...HOJE foi PARA MIM, AMANHÃ pode ser PARA VOCÊ.

Kênia Luara Bernardo de Oliveira

Um amigo?

Me sinto tão sozinho...

- Se sente sozinho?

– Sim, me sinto tão distante...

- Distante de quê?

– Das pessoas, não converso com a minha família, nem com meus amigos...

- Amigos!? Sozinho você não está, você tem a mim, sempre vou estar contigo, conversando com você. De quem mais precisa?

– Você...uh...realmente tenho conversado com você há algum tempo, mas quem é você?

-Tenho sido seu amigo, companheiro, na verdade acho que “seu melhor amigo” combina mais. Não é necessário mais ninguém, pois você precisa somente de mim.

– Certo...não preciso de mais ninguém? Por que não consigo me lembrar de você?

Ele é realmente um companheiro meu, mas quando ele apareceu? Por que apareceu e como?

Ele se aproxima de mim, me abraçando, envolvendo-me em sua escuridão, tão escuro...tão profundo... é calmo, é silencioso. Parece confortável e é confortável em seus braços, mas devo, mas devo aceitar? Silêncio...é um silêncio bom.

Me entrelaço com ele. Caio em seus braços, é um pouco frio, mas é bom, ele é um ser silencioso e também meu único amigo.

– Está tão escuro, onde estou?

- Está tudo bem. Eu vou cuidar de você. Somente eu posso lhe ajudar.

Lowis é envolto em escuridão...

Anna Sthéfany Assufe Colabello e Helena Ferreira Andrade

Erva daninha

De repente começaram a crescer raízes no meu braço. Eram rosas a crescer, assim decidi me esconder para me proteger das pessoas. Por muito tempo, vivi sem me importar, mas logo as flores começaram a incomodar-me. Seus espinhos doíam, seu vermelho carmim me contaminava. Eu sabia que uma hora descobririam o parasitismo em mim.

E assim não demorou muito para perceberem, é óbvio. Aquilo crescia cada vez mais e trouxe a verdade à tona. Cada decepção, tristeza, insuficiência minha, fazia crescer aquela presença vegetal, com os espinhos cortando e o carmim consumindo minha mente. Sentia-me diferente. Ao perceberem, não sabiam como me esconder. Tudo se tornou diferente. Será que era pelo jeito que começaram a me tratar, ou pelo carmim a me contaminar?

Tentaram remover essa minha parte desigual, mas isso me trazia dor, porque sem ela meu verdadeiro eu como seria? Alguma coisa do meu antigo eu restaria? Uma dor e incerteza para tirar, mas se eu mantiver logo a morte chegará e nada mais de mim restará.

Kenzo Varicelli

Estou Aqui

Setembro! O único mês que se importam com a gente, é o único mês que nossa saúde mental importa. Meus amigos sempre me falavam para contar com eles para tudo, mas acho que está tarde para isso.

Quando chego em minha casa, é sempre o mesmo silêncio, sempre o mesmo vazio, uma casa sem cor e triste, mas pensa numa casa que já foi barulhenta e cheia. Vejo meu pai todo dia sentado em sua poltrona olhando sempre para a porta. Talvez esteja esperando alguém que nunca mais vai voltar. Quando subo as escadas da minha casa, meu cachorro sempre está me esperando no último degrau, mas é estranho, agora ele só late para mim como se eu fosse uma intrusa.

Passo sempre no quarto do meu irmão, ele parece ser o único que me vê chegando, brinco sempre com ele e às vezes o coloco para dormir. Sempre depois de ver meu irmão, vou ao meu quarto, mamãe sempre está lá sentada em minha cama, vejo-a e vou até meu banheiro. Tudo está do mesmo jeito que coloquei, me olho no espelho e sempre me vejo coberta de sangue, tomo banho, mas nunca sai.

Quando saio do banheiro, converso com a mamãe que quase sempre está sentada em minha cama, mas o estranho é que ela nunca me ouve.

Me pergunto: se eu tivesse sido mais forte, mamãe ainda poderia me ouvir e papai não precisaria ficar sempre esperando o meu retorno?

Emmile Zotini

Minha forma d'água

O mar era meu refúgio. Era lá onde eu não era lembrada do quanto meus erros se tornaram cada vez mais frequentes.

Foi entre as ondas que ele apareceu para mim. Ele foi carinhoso como ninguém nunca foi. Sabia meus gostos e meus hábitos sem eu sequer mencioná-los. Constantemente me tocava, me lembrava o quanto me amava. Eu nunca recusava. Era incapaz de recusar.

Ele me mostrou seu mundo submerso, onde tudo foi feito para me agradar. Até mesmo quando eu não queria entrar, ele sabia como me fazer voltar.

Com o tempo, o meu corpo começou a mudar, escamas cresciam por todo lugar. Era desconfortável, mas ele parecia adorar. Passou a me levar cada vez mais fundo em seu mundo até eu me transformar completamente.

Era difícil viver no novo corpo, mas para ele eu era perfeita. Meu corpo já não era mais meu, mas pelo menos agora eu era boa o suficiente.

Samuel H. Machado dos Santos

Substituível

Nesta manhã, relembro-me da rotina que, todo dia, parece se repetir. Pergunto ao relógio quanto tempo ainda tenho, e ele nada me diz.

Por que a rotina se repete sem que eu perceba? Se eu percebesse, seria diferente? Sinto-me estranho, meu corpo está pesado.

Não é hora de pensar nisso. Visto-me e vou ao trabalho novamente. Desta vez, o prédio parece maior e está sorrindo para mim. Sinto um pouco de medo, mas entro.

Está tudo escuro. Não parece haver nada aqui. Quero sair, porém algo tapa a saída. O que está acontecendo?

Vejo um buraco gigante no chão, dele ecoam vozes e gemidos semelhantes aos de meus colegas.

Uma mão me empurra para dentro. No fundo, vejo a face de meu chefe. Não me lembrava dele, mas, neste momento, o reconheço, sorrindo para mim, no fundo do grande buraco.

Murillo Borges Pessoa

O menino da viela

Na viela apertada, o menino ria sozinho, como se conversasse com sombras que só ele via. O rosto, sempre escondido pelo boné, parecia se mover estranho sob a luz amarela do poste — a pele ondulava como água em poça suja. Os vizinhos diziam que ele trabalhava cedo demais, sempre com notas amassadas no bolso e olhos vermelhos que não piscavam. Às vezes, sua risada ecoava grave, adulta, carregada de segredos que nenhuma criança deveria conhecer. E quando passava correndo, juravam que seus braços se alongavam além do normal, como tentáculos procurando algo no escuro.

Vitor dos Santos Souza Adorno

Uma geração de números

Em uma manhã de sábado, percebi a cabeceira da minha cama vazia, “Onde está meu celular?”.

No começo, o pânico foi absoluto. Alarmes não tocaram, mensagens ficaram presas no vazio, bolsos pareciam mais leves, minhas mãos não sabiam onde descansar e o costume de verificar a tela virou um gesto no ar.

Notei algo estranho, o ar parecia mais nítido e era acompanhado por um leve odor de chuva. O céu, sem filtros, parecia mais belo do que qualquer outro em uma tela.

Sem mapas, as pessoas perguntavam o caminho umas às outras. Sem redes, as conversas surgiam em praças e filas. Parecia que estávamos vivendo em uma geração de números em que até o eterno parecia efêmero, entendi que a maior conexão é feita pelo olhar. Aquela ansiedade se transformou em liberdade.

Giovani da Costa Silva & Iago de Brito Lopes